



**SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA  
REDE MUNICIPAL DE ENSINO  
ATIVIDADES PEDAGÓGICAS COMPLEMENTARES**

**Escola:** \_\_\_\_\_

**Estudante:** \_\_\_\_\_

**Componente curricular:** Língua Portuguesa  
**Período:** 05/04/2021 a 29/04/2021

**Etapa:** Ensino Fundamental II  
**Turma:** 9º ano

**CADERNO 2**

- As atividades das APCs serão adequadas de acordo com a limitação e necessidade de cada estudante pelo professor (a) de Apoio e Supervisão do Departamento de Coordenação de Educação de Inclusão social.

**AULA 1 e 2** - Faça a leitura explicativa do texto abaixo:

**Conto**

O conto é um texto curto em que um narrador conta uma história desenvolvida em torno de um enredo - uma situação que dá origem aos acontecimentos de uma narrativa.

Há poucos personagens e poucos locais, pois como a história é breve não é possível incluir vários lugares e personagens diferentes.

Há vários tipos de contos: realistas, populares, fantásticos, de terror, de humor, infantis, psicológicos, de fadas.

A estrutura desse gênero textual é composta por quatro partes: apresentação do enredo, desenvolvimento dos acontecimentos, momento de tensão - clímax, e solução - desfecho.

Alguns exemplos de contos escritos pelos maiores contistas brasileiros são:

- A Cartomante, de Machado de Assis
- O Gato Vaidoso, de Monteiro Lobato
- Presépio, de Carlos Drummond de Andrade
- Feliz Aniversário, de Clarice Lispector
- A Caçada, de Lygia Fagundes Telles
- Conto de Verão n.º 2: Bandeira Branca, de Luís Fernando Veríssimo
- O Vampiro de Curitiba, de Dalton Trevisan

**Características do conto:** O conto apresenta as seguintes características:

- Espaço delimitado;
- Tempo marcado;
- Presença de narrador;
- Poucos personagens;
- Enredo.

**Espaço delimitado:** o local em que se desenvolve a história é delimitado, como uma determinada casa, rua, parque, praça. Isso acontece pelo fato de o conto ser uma narrativa breve, em que não é possível se falar em muitos espaços diferentes.

**Tempo marcado:** o tempo do conto é marcado. Isso quer dizer que é possível saber em que momento a história acontece. Esse tempo pode ser:

- Cronológico - quando as coisas acontecem numa sequência normal, de horas, dias, anos.

- Psicológico - quando as coisas não acontecem numa sequência normal, mas de acordo com a imaginação do narrador ou de um personagem.

**Narrador:** A história do conto é contada por um narrador, que pode ser:

- Narrador observador, aquele que conhece a história, mas não participa dela.
- Narrador personagem, aquele que além de narrar a história, também é um dos seus personagens.
- Narrador onisciente, aquele que conhece a história e todos os personagens envolvidos nela.

**Personagens:** O conto contém poucos personagens, porque como é um texto breve, não é possível incluir muitos participantes na história. Os personagens podem ser principais ou secundários.

**Enredo:** o conto apresenta sempre um enredo, que é um problema ou situação que dá origem aos acontecimentos de uma história. Ele pode ser:

- Linear - quando os fatos seguem uma sequência lógica, ou seja: apresentação, desenvolvimento, momento de tensão - clímax, e solução - desfecho.
- Não linear - quando os fatos não seguem uma sequência lógica, ou seja, em vez de começar pela apresentação do problema ou da situação, pode começar pela sua solução e os acontecimentos são narrados ao longo do conto.

**Tipos de contos:** Dependendo da temática explorada, há diversos tipos de contos, do qual se destacam:

- Contos realistas, os que narram situações realistas e não imaginárias.
- Contos populares, os que narram histórias transmitidas de uma geração para outra.
- Contos fantásticos, aqueles em que as histórias apresentam mistura de realidade com ficção e confundem os leitores com acontecimentos absurdos.
- Contos de terror, os que narram histórias cheias de mistérios, suspense e medo.
- Contos de humor, os que narram histórias que têm como objetivo divertir os leitores.
- Contos infantis, os que narram histórias para crianças e que têm a intenção de transmitir uma lição moral.
- Contos psicológicos, os que narram histórias que envolvem lembranças e sentimentos, e têm a intenção de levar o leitor a refletir.
- Contos de fadas, os que narram histórias que envolvem príncipes e princesas, e se desenvolvem em torno de um acontecimento trágico, mas que têm um final feliz.

Os Minicontos, Microcontos ou Nanocontos são subcategorias do conto, chamados de "contos minimalistas".

Eles são bem menores que o conto, uma vez que podem ocupar meia página, uma página, ou ser formado por poucas linhas.

Mesmo que não compartilhem da estrutura básica dos contos, esse tipo de texto tem adquirido diversas formas na atualidade, sobretudo após o movimento modernista.

Dessa forma, ele deixa de lado a estrutura fixa narrativa, privilegiando assim, a liberdade criativa dos escritores.

### **Estrutura do conto**

A estrutura do conto é fechada e objetiva, na medida em que esse tipo de texto é formado por apenas uma história e um conflito.

Sua estrutura está dividida em três partes:

- Introdução: nesse momento inicial, há uma breve ambientação do espaço, tempo, personagens e enredo.
- Desenvolvimento: aqui se desenrolam os acontecimentos da história, relacionados com o problema ou a situação apresentados na introdução.
- Clímax: quando acontece o momento de maior tensão da história.
- Desfecho: encerramento da narrativa, em que se apresenta uma solução para o enredo.

Se houver alguma dúvida, registre aqui.

---

---

---

---

---

---

### **AULA 3 e 4** – Leitura, interpretação do texto e realização da atividade.

#### **O que é mapa mental?**



Disponível em: <https://tomandoposse.home.blog/2019/08/20/mapas-mentais-aprenda-essa-tecnica-e-melhore-a-retencao-de-conteudo-veja/>

Bom, o mapa mental é uma das várias técnicas de estudo existentes. Ele foi criado na década de 1960, por um consultor inglês chamado Tony Buzan. Essa é uma técnica bem pertinente e pode ser utilizada em todas as disciplinas.

O mapa mental utiliza tanto a linguagem verbal, como a linguagem não verbal, isto é, são resumos cheios de símbolos, cores, setas, tópicos e frases curtas. O objetivo de um mapa mental é organizar as informações visualmente para facilitar a associação das informações.

Se você é do tipo de pessoa que tem facilidade em aprender algo por meio de métodos visuais, o mapa mental é a sua praia!

Os mapas mentais podem ser utilizados em diversas disciplinas, como citado anteriormente. Mas suponhamos que você queira usá-lo em história, por exemplo, você pode selecionar o conteúdo que está estudando, informar com setas e uma cor específica o ano em que o evento aconteceu, e com outra cor indicar a localização, fazendo uma relação entre as questões sociais e econômicas da época.

E o mais legal é que os mapas mentais tornam-se materiais super coloridos e divertidos. Sintetizando: o mapa mental é uma ferramenta visual, que utiliza linguagem verbal e não verbal, como setas, desenhos e cores, que objetiva topicalizar os pontos mais importantes de um determinado conteúdo e fazer as associações necessárias entre datas, acontecimentos, conceitos etc.

#### **Qual a finalidade de um mapa mental?**

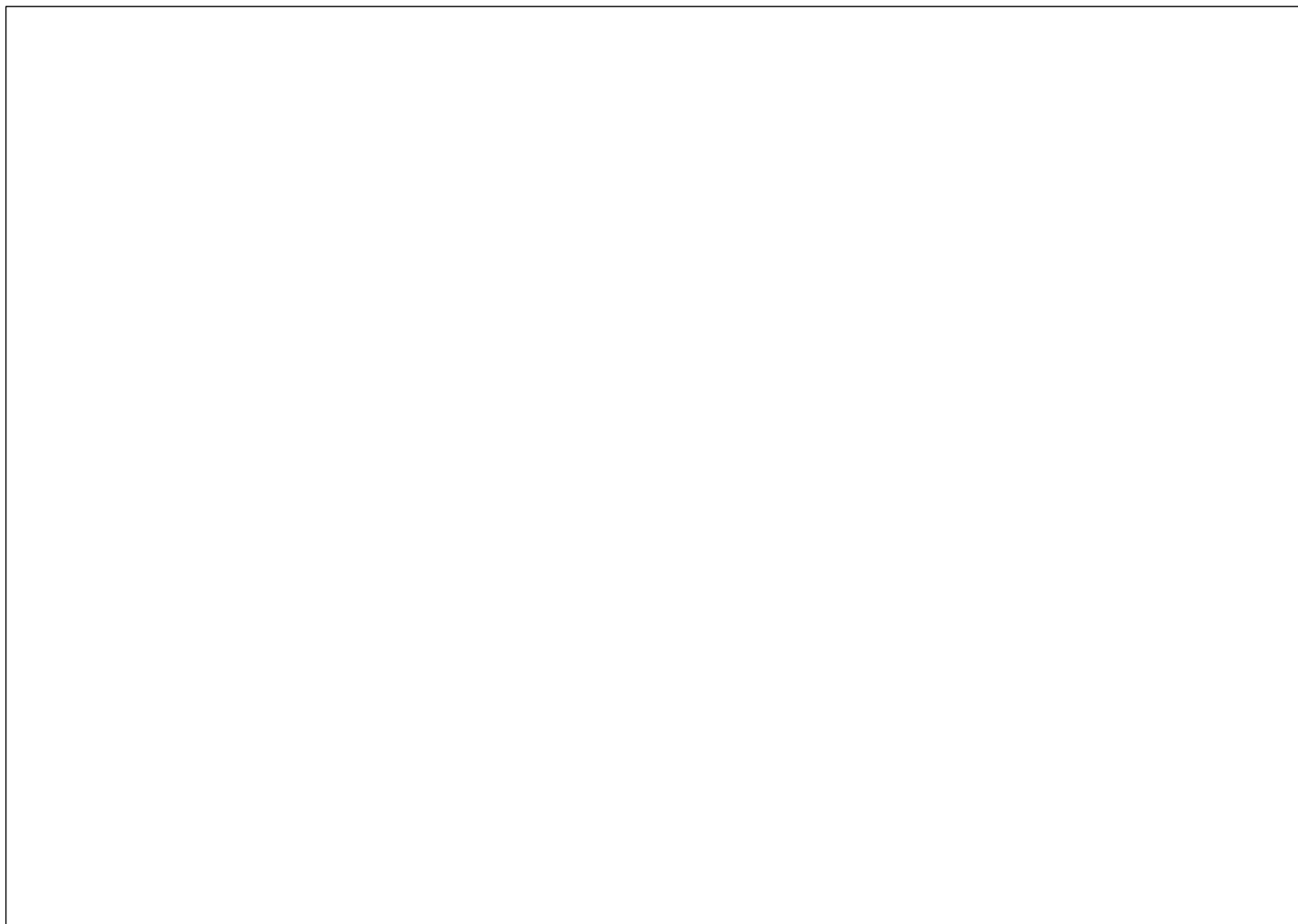
A finalidade de um mapa mental é ajudá-lo a se orientar e a memorizar os pontos mais importantes do conteúdo que você necessita saber.

Os mapas mentais são ótimas ferramentas para visualizar e gravar a matéria em sua mente, já que é chamativo e cheio de cores.

Você pode utilizar mapas mentais para estudar para diversas disciplinas, inclusive para os conteúdos.

Disponível em: <https://blog.imagine.com.br/mapa-mental/>

1- Com a explicação do texto acima, reproduza o mapa mental sobre **Conto**.



**AULA 5, 6 e 7** - Fazer a Leitura e a interpretação do texto (conto). Responder as questões do livro didático do número 1 ao 6 da página 15 e número 7 e 8 da página 16.

- Segue o modelo para responder no caderno:  
Dia: \_\_\_\_/ 04 /2021  
Respostas das atividades do Livro de Português  
Questão 01.  
Segue em anexo as paginas do livro de Português:



## Olhos d'água

Uma noite, há anos, acordei bruscamente e uma estranha pergunta explodiu de minha boca. De que cor eram os olhos de minha mãe? Atordoada custei reconhecer o quarto da nova casa em que eu estava morando e não conseguia me lembrar como havia chegado até ali. E a insistente pergunta martelando, martelando. De que cor eram os olhos de minha mãe? Aquela indagação havia surgido há dias, há meses, posso dizer. Entre um afazer e outro, eu me pegava pensando de que cor seriam os olhos de minha mãe. E o que a princípio tinha sido um mero pensamento interrogativo, naquela noite se transformou em uma dolorosa pergunta carregada de um tom acusativo. Então eu não sabia de que cor eram os olhos de minha mãe?

Sendo a primeira de sete filhas, desde cedo busquei dar conta de minhas próprias dificuldades, cresci rápido, passando por uma breve adolescência. Sempre ao lado de minha mãe, aprendi a conhecê-la. Decifrava o seu silêncio nas horas de dificuldades, como também sabia reconhecer, em seus gestos, prenúncios de possíveis alegrias. Naquele momento, entretanto, me descobria cheia de culpa, por não recordar de que cor seriam os seus olhos. Eu achava tudo muito estranho, pois me lembrava nitidamente de vários detalhes do corpo dela. Da unha encravada do dedo mindinho do pé esquerdo... da verruga que se perdia no meio da cabeleira crespa e bela... Um dia, brincando de pentear boneca, alegria que a mãe nos dava quando, deixando por uns momentos o lava-lava, o passa-passa das roupagens alheias e se tornava uma grande boneca negra para as filhas, descobrimos uma bolinha escondida bem no couro cabeludo dela. Pensamos que fosse carrapato. A mãe cochilava e uma de minhas irmãs, aflita, querendo livrar a boneca-mãe daquele padecer, puxou rápido o bichinho. A mãe e nós rimos e rimos e rimos de nosso engano. A mãe riu tanto das lágrimas escorrerem. Mas de que cor eram os olhos dela?



Eu me lembrava também de algumas histórias da infância de minha mãe. Ela havia nascido em um lugar perdido no interior de Minas. Ali, as crianças andavam nuas até bem grandinhas. As meninas, assim que os seios começavam a brotar, ganhavam roupas antes dos meninos. Às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância. Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas, sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam debochar do vazio do nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis em que as línguas brincavam a salivar sonho de comida. E era justamente nos dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas. Nessas ocasiões a brincadeira preferida era aquela em que a mãe era a Senhora, a Rainha. Ela se assentava em seu trono, um pequeno banquinho de madeira. Felizes, colhíamos flores cultivadas em um pequeno pedaço de terra que circundava o nosso barraco. As flores eram depois solenemente distribuídas por seus cabelos, braços e colo. E diante dela fazíamos reverências à Senhora. Postávamos deitadas no chão e batíamos cabeça para a Rainha. Nós, princesas, em volta dela, cantávamos, dançávamos, sorriamos. A mãe só ria de uma maneira triste e com um sorriso molhado... Mas de que cor eram os olhos de minha mãe? Eu sabia, desde aquela época, que a mãe inventava esse e outros jogos para distrair a nossa fome. E a nossa fome se distraía.

Às vezes, no final da tarde, antes que a noite tomasse conta do tempo, ela se sentava na soleira da porta e, juntas, ficávamos contemplando as artes das nuvens no céu. Umas viravam carneirinhos; outras, cachorrinhos; algumas, gigantes adormecidos, e havia aquelas que eram só nuvens, algodão-doce. A mãe, então, espichava o braço que ia até o céu, colhia aquela nuvem, repartia em pedacinhos e enfiava rápido na boca de cada uma de nós. Tudo tinha de ser muito rápido, antes que a nuvem derretesse e com ela os nossos sonhos se esvaecessem também. Mas de que cor eram os olhos de minha mãe?

Lembro-me ainda do temor de minha mãe nos dias de fortes chuvas. Em cima da cama, agarrada a nós, ela nos protegia com seu abraço. E com os olhos alagados de prantos balbuciava rezas a Santa Bárbara, temendo que o nosso frágil barraco desabasse sobre nós. E eu não sei se o lamento-pranto de minha mãe, se o barulho da chuva... Sei que tudo me causava a sensação de que a nossa casa balançava ao vento. Nesses momentos os olhos de minha mãe se confundiam com os olhos da natureza. Chovia, chorava! Chorava, chovia! Então, porque eu não conseguia lembrar a cor dos olhos dela?





E naquela noite a pergunta continuava me atormentando. Havia anos que eu estava fora de minha cidade natal. Saíra de minha casa em busca de melhor condição de vida para mim e para minha família: ela e minhas irmãs tinham ficado para trás. Mas eu nunca esquecera a minha mãe. Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e todas as mulheres de minha família. E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias. Mas de que cor eram os olhos de minha mãe?

E foi então que, tomada pelo desespero por não me lembrar de que cor seriam os olhos de minha mãe, naquele momento, resolvi deixar tudo e, no dia seguinte, voltar à cidade em que nasci. Eu precisava buscar o rosto de minha mãe, fixar o meu olhar no dela, para nunca mais esquecer a cor de seus olhos.

Assim fiz. Voltei, aflita, mas satisfeita. Vivia a sensação de estar cumprindo um ritual, em que a oferenda aos Orixás deveria ser descoberta da cor dos olhos de minha mãe.

E quando, após longos dias de viagem para chegar à minha terra, pude contemplar extasiada os olhos de minha mãe, sabem o que vi? Sabem o que vi?

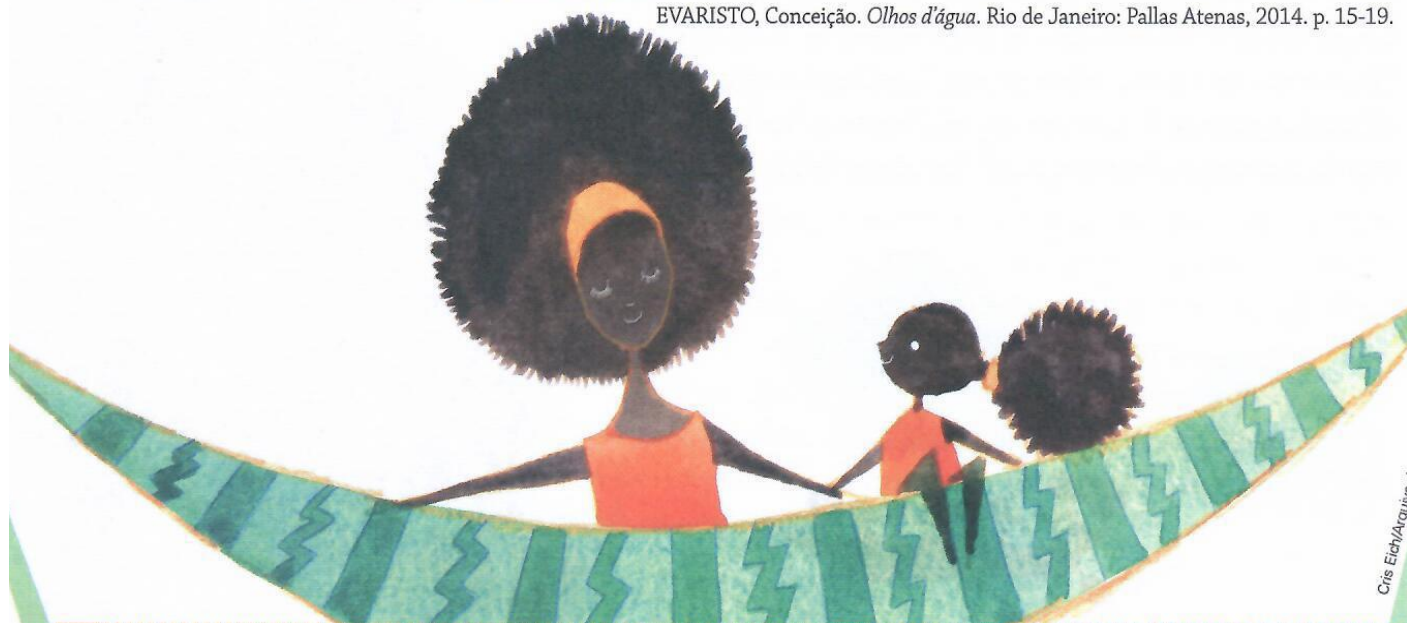
Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face. E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum.

Abracei a mãe, encostei meu rosto no dela e pedi proteção. Senti as lágrimas delas se misturarem às minhas.

Hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe, tento descobrir a cor dos olhos de minha filha. Faço a brincadeira em que os olhos de uma se tornam o espelho para os olhos da outra. E um dia desses me surpreendi com um gesto de minha menina. Quando nós duas estávamos nesse doce jogo, ela tocou suavemente no meu rosto, me contemplando intensamente. E, enquanto jogava o olhar dela no meu, perguntou baixinho, mas tão baixinho como se fosse uma pergunta para ela mesma, ou como estivesse buscando e encontrando a revelação de um mistério ou de um grande segredo. Eu escutei, quando, sussurrando, minha filha falou:

— Mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos?

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas Atenas, 2014. p. 15-19.





1. Um conto é breve, ligado a uma única situação ou evento.
  - a) Qual é o conflito vivido pela narradora em “Olhos d’água”?
  - b) Chamamos de clímax o momento de maior tensão do enredo, em que os fatos caminham para um final. Qual cena da narrativa pode ser associada ao clímax?
2. A narrativa é feita em 1ª pessoa por um narrador, que é também personagem.
  - a) Como o narrador-personagem se apresenta? Justifique sua resposta com trechos do conto.
  - b) De que modo a narradora vê a própria mãe?
  - c) Em relação à descrição dos personagens no conto, o que predomina: as características físicas ou as psicológicas?
3. Ao longo do texto, uma pergunta se repete: “Mas de que cor eram os olhos de minha mãe?”
  - a) Com quem a narradora dialoga? Explique sua resposta.
  - b) O que a repetição da pergunta revela sobre o estado emocional da narradora?
4. No conto, o espaço é sempre delimitado. Nessa narrativa, podemos perceber que há dois espaços: um no qual a narradora passou a infância e outro atual no qual ela vive.
  - a) Quais informações a narradora revela sobre esses espaços?
  - b) Ao descrever a viagem, a narradora afirma: “Voltei aflita, mas satisfeita.”. Em sua opinião, quais foram os motivos da aflição e da satisfação?
5. O tempo, em um conto, pode ser classificado como cronológico ou psicológico.

Para narrar acontecimentos de forma não linear em narrativas, é possível lançar mão de dois recursos:

- **flashback (em inglês, “olhar para trás”)**: recurso literário ou cinematográfico utilizado para contar algo que aconteceu antes do momento em que se narra. Por exemplo, quando um narrador rememora algo que lhe aconteceu na infância.
- **flashforward (em inglês, “olhar para frente”) ou antecipação**: recurso utilizado para antecipar algo que ainda não aconteceu no momento em que se narra. Por exemplo, quando há referência a um fato ainda não relatado, mas conhecido do narrador.

Qual dos recursos não lineares predomina no conto? Justifique sua resposta com exemplos do próprio texto.

6. Releia o trecho seguinte.

[...] E era justamente nos dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas. Nessas ocasiões a brincadeira preferida era aquela em que a mãe era a Senhora, a Rainha. Ela se assentava em seu trono, um pequeno banquinho de madeira. Felizes, colhíamos flores cultivadas em um pequeno pedaço de terra que circundava o nosso barraco. As flores eram depois solenemente distribuídas por seus cabelos, braços e colo. E diante dela fazíamos reverências à Senhora. Postávamos deitadas no chão e batíamos cabeça para a Rainha. Nós, princesas, em volta dela, cantávamos, dançávamos, sorriamos. A mãe só ria de uma maneira triste e com um sorriso molhado...

- a) A narradora contrasta, nesse trecho, pobreza e felicidade. Que outras oposições podem ser percebidas nesse trecho?
- b) Que efeito essas oposições causam na narrativa?

- c) O que a memória e a descrição desses momentos pela narradora revela sobre a imagem da mãe?

7. No conto “Olhos d’água”, a narradora menciona brevemente a importância das mulheres em sua família. No caderno, anote um trecho do conto que confirma isso.

8. Releia o título.

- a) Depois da leitura, como você entende a relação entre os “Olhos d’água” e o contexto do conto?
- b) Coloque-se na posição da narradora que foi questionada pela filha. Como você responderia à pergunta “— Mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos?” ou daria continuação ao conto? No caderno, elabore um parágrafo a respeito desse momento entre mãe e filha. Você pode, por exemplo, contar como ela se sentiu: Fechei os olhos e me vi ao lado de minha mãe com seus olhos d’água...



## **AULA 8, 9 e 10 - Leia o texto abaixo e responda o que se pede.**

### **VARIAÇÃO LINGUÍSTICA**

A língua não é usada de modo homogêneo por todos os seus falantes. O uso de uma língua varia de época para época, de região para região, de classe social para classe social e assim por diante. Nem individualmente podemos afirmar que o uso seja uniforme. Dependendo da situação, uma mesma pessoa pode usar diferentes variedades de uma só forma da língua.

#### **DIFERENTES FORMAS DE REALIZAÇÃO**

Uma língua oferece a seus usuários diferentes formas de realização, isto é, diferentes jeitos de falar e de escrever. Não existe uma forma melhor (mais certa) ou pior (mais errada) de empregar uma língua.

Língua culta/ variedade padrão: modelo arbitrário e convencional, baseado em critérios ideológicos – sociais, culturais, políticos e econômicos. Não existe, portanto, uma língua única. A língua é na verdade um conjunto de diferentes variedades linguísticas.

#### **NÍVEIS DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA**

É importante observar que o processo de variação ocorre em todos os níveis de funcionamento da linguagem, sendo mais perceptível na pronúncia e no vocabulário.

- Nível fonológico – pranta, canal (u),
- Nível morfosintático – manteu/ manteve    ansio/ anseio
- Nível vocabular – miúdo – Portugal  
guri, menino, garoto

#### **OS NÍVEIS DA FALA**

- Padrão formal

Está diretamente ligado à linguagem escrita, restringindo-se às normas gramaticais de um modo geral. Razão pela qual nunca escrevemos da mesma maneira que falamos. Este fator foi determinante para a que a mesma pudesse exercer total soberania sobre as demais.

- Nível informal

Representa o estilo considerado “de menor prestígio”, e isto tem gerado controvérsias entre os estudos da língua, uma vez que para a sociedade, aquela pessoa que fala ou escreve de maneira errônea é considerada “inculta”, tornando-se desta forma um estigma.

Compondo o quadro do padrão informal da linguagem, estão as chamadas variedades linguísticas, as quais representam as variações de acordo com as condições sociais, culturais, regionais e históricas em que é utilizada. Dentre elas destacam-se:

- Variações históricas:

Dado o dinamismo que a língua apresenta, a mesma sofre transformações ao longo do tempo.

Um exemplo bastante representativo é a questão da ortografia, se levarmos em consideração a palavra farmácia, uma vez que a mesma era grafada com “ph”, contrapondo-se à linguagem dos internautas, a qual fundamenta-se pela supressão do vocábulo.

- Variações regionais:

São os chamados dialetos, que são as marcas determinantes referentes a diferentes regiões. Como exemplo, citamos a palavra mandioca que, em certos lugares, recebe outras nomenclaturas, tais como: macaxeira e aipim. Figurando também esta modalidade estão os sotaques, ligados às características orais da linguagem.

As gírias pertencem ao vocabulário específico de certos grupos, como os surfistas, cantores de rap, tatuadores, entre outros. Os jargões estão relacionados ao profissionalismo, caracterizando um

linguajar técnico. Representando a classe, podemos citar os médicos, advogados, profissionais da área de informática, dentre outros.

Disponível em: <http://helenaconectada.blogspot.com/2012/10/variacao-linguistica.html>

1- Observe a imagem abaixo retirada do Facebook e responda as perguntas a seguir:



a) Que variedade linguística o personagem da imagem acima usou para se expressar: linguagem culta ou coloquial?

---

---

b) Observando bem a imagem, diga pelo menos dois motivos que contribuem para que o personagem fale dessa forma?

---

---

c) Esse jeito como o personagem falou dá para o ouvinte/leitor compreender? Por quê?

---

---

d) Essa linguagem usada por ele é considerada “correta” ou “errada”? Por quê?

---

---

e) Que efeito de sentido o sinal de pontuação reticências atribui ao texto?

---

---

Disponível em: <http://professorjeanrodrigues.blogspot.com/2012/05/atividade-de-portugues-sobre-variacao.html>

**AULA 11 e 12** - Avaliação Bimestral de Língua Portuguesa.

**AULA 13, 14 e 15** - Como estamos estudando Variações Linguísticas, reescreva o texto abaixo utilizando a norma padrão da Língua Portuguesa:



“Iscute o que to dizeno,  
Seu dotor, seu coroné:  
De fome tão padeceno  
Meus fio e minha muiér.  
Sem briga, questão nem guerra,  
Meça desta grande terra  
Umas tarefas pra eu!  
Tenha pena do agregado  
Não me dexe deserddado  
Daquilo que Deus me deu”.

(Patativa do Assaré)

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

Disponível em: <http://professorjeanrodrigues.blogspot.com/2012/05/atividade-de-portugues-sobre-variacao.html>

### **AULA 16, 17 e 18** – Leia o texto abaixo e responda as questões:

#### **LER, ESCREVER E FAZER CONTA DE CABEÇA.**

“A professora gostava de vestido branco, como os anjos de maio. Carregava sempre um lenço dobrado dentro do livro de chamada ou preso no cinto, para limpar as mãos, depois de escrever no quadro-negro. Paninho bordado com flores, pássaros, borboletas. Ela passava o exercício e, de mesa em mesa, ia corrigindo. Um cheiro de limpeza coloria o ar quando ela passava. Sua letra, como era bem desenhada, amarradinha uma na outra!

(...)

Ninguém tinha maior paciência, melhor sabedoria, mais encanto. E todos gostavam de aprender primeiro, para fazê-la feliz. Eu, como já sabia ler um pouco, fingia não saber e aprendia outra vez. Na hora da chamada, o silêncio ficava mais vazio e o coração quase parado, esperando a vez de responder “presente”. Cada um se levantava, em ordem alfabética e, com voz alta, clara, vaidosa, marcava sua presença e recebia uma bolinha azul na frente do nome. Ela chamava o nome por completo, com o pedaço da mãe e o pedaço do pai. Queria ter mais nome, pra ela me chamar por mais tempo.

O giz, em sua mão, mais parecia um pedaço de varinha mágica de fada, explicando os mistérios. E, se economizava o quadro, para caber todo o ponto, nós também aproveitávamos bem as margens do caderno, escrevendo nas beiradinhas das folhas. Não acertando os deveres, Dona Maria elogiava a letra, o raciocínio, o capricho, o aproveitamento do caderno. A gente era educado para saber ser com orgulho. Assim, a nota baixa não trazia tanta tristeza.

(...)

Nas aulas de poesia, Dona Maria caprichava. Abria o caderno, e não só lia os poemas, mas escrevia fundo em nossos pensamentos as idéias mais eternas. Ninguém suspirava, com medo da poesia ir embora: Olavo Bilac, Gabriela Mistral, Alvarenga Peixoto e “Toc, toc, tamanquinhos”. Outras vezes declamava poemas de um poeta chamado Anônimo. Ele escrevia sobre tudo, mas a professora não falava de onde vinha nem onde tinha nascido. E a poesia ficava mais indecifrável.”

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. Ler, escrever e fazer conta de cabeça. São Paulo: Global, 2004. pp. 34-35.

**1-** Pelo texto é possível inferir que o narrador:

- a) (    ) Se interessava mais pela professora, seu modo de se vestir e escrever no quadro, do que pela aula em si.
- b) (    ) Tinha uma profunda admiração pela professora e se esforçava em aprender, também, para agradá-la.
- c) (    ) Não se interessava pelas aulas que não fossem de poesia.
- d) (    ) Era o melhor aluno da classe.

**2-** Assinale o trecho em que o autor usa o recurso da comparação para descrever poeticamente a forma como ele via o gosto da professora se vestir:

- a) (    ) Carregava sempre um lenço dobrado dentro do livro de chamada ou preso no cinto, para limpar as mãos, depois de escrever no quadro-negro.
- b) (    ) Paninho bordado com flores, pássaros, borboletas.
- c) (    ) A professora gostava de vestido branco, como os anjos de maio.
- d) (    ) O giz, em sua mão, mais parecia um pedaço de varinha mágica de fada, explicando os mistérios.

**3-** Assinale o trecho em que está expressa uma relação de finalidade:

- a) (    ) E todos gostavam de aprender primeiro, para fazê-la feliz.
- b) (    ) Ninguém tinha maior paciência, melhor sabedoria, mais encanto.
- c) (    ) O giz, em sua mão, mais parecia um pedaço de varinha mágica de fada, explicando os mistérios.
- d) (    ) Ela chamava o nome por completo, com o pedaço da mãe e o pedaço do pai.

**4-** A conjunção adversativa mas comumente indica idéias opostas. No trecho a seguir, no entanto, seu uso, associado à expressão “não só” sugere outra idéia, que não é a de oposição. Assinale a alternativa que expressa a idéia sugerida no seguinte trecho:

“Abria o caderno, e não só lia os poemas, mas escrevia fundo em nossos pensamentos as idéias mais eternas.”

- a) (    ) Concessão.      b) (    ) Adição.      c) (    ) Oposição.      d) (    ) Comparação.

**5-** Por meio do trecho “E a poesia ficava mais indecifrável.”, é possível inferir:

- a) (    ) Para o narrador, o nome do autor dos poemas é fundamental para compreendê-las.
- b) (    ) A professora lia poesias muito difíceis para seus alunos.
- c) (    ) O fato de ser indecifrável, para o narrador, é inerente à poesia e, como o “autor chamado Anônimo” tratava de temas diversos e não era possível saber sua origem, essas poesias eram ainda mais indecifráveis.
- d) (    ) Ele não gostava das poesias do “Anônimo”, porque não as conseguia compreender.

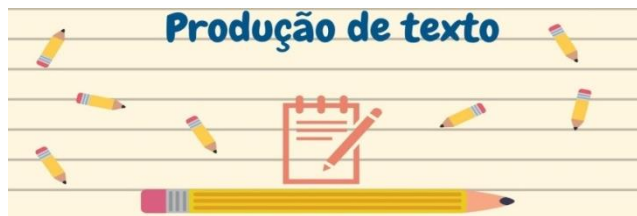
**6-** No trecho “A gente era educado para saber ser com orgulho. Assim, a nota baixa não trazia tanta tristeza.”, o termo em destaque pode ser substituído, sem alterar o sentido, por:

- a) (    ) Entretanto.      b) (    ) Desse modo.      c) (    ) Mas.      d) (    ) Ainda que.

**7-** A idéia de proporção sugerida pelo trecho “E, se economizava o quadro, para caber todo o ponto, nós também aproveitávamos bem as margens do caderno, escrevendo nas beiradinhas das folhas.” significa que:

- a) (    ) À medida que a professora economizava espaço para escrever no quadro, os alunos economizavam espaço em seus cadernos.
- b) (    ) A condição para que os alunos escrevessem menos era a de que a professora diminuísse o tamanho de sua letra no quadro.
- c) (    ) Os alunos escreviam fora das margens para economizar o caderno porque a professora pedia, escrevendo sem deixar espaços no quadro.
- d) (    ) Os alunos não deviam escrever nas “beiradinhas das folhas”, mas como a professora não fazia margens no quadro, eles não respeitavam as do caderno.





### **Proposta de redação - Conto fantástico**

O conto é um gênero do discurso narrativo. Sua configuração material é pouco extensa. Essa característica de síntese exige um número reduzido de personagens, esquema temporal e espacial econômicos e um número limitado de ações. O narrador constrói o ponto de vista a partir do qual a história será contada. O enredo estabelece um único conflito. No desenvolvimento do texto, o conflito poderá ou não ser solucionado.

Com base na estrutura do gênero conto, mencionada acima, escreva uma continuação para o seguinte conto de Érico Veríssimo:

Disponível em : <https://sabiacorujadoportugues.blogspot.com/2019/04/tema-de-redacao-9-ano-conto-fantastico.html>

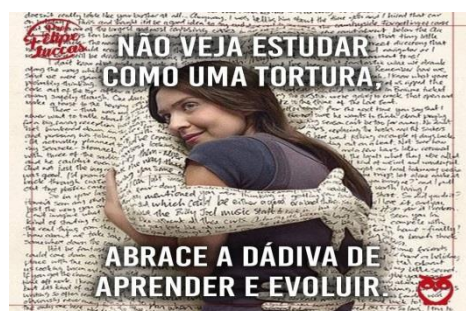
#### **Ficha para correção textual**

<b>Critérios a serem avaliados</b>	<b>Sim</b>	<b>Não</b>
Escreve com letra legível		
Utiliza os sinais de pontuação de maneira adequada		
Observa e respeita parágrafos		
As frases/parágrafos são claras e com seqüência lógica		
Comete erros de concordância (nominal/verbal)		
Comete erros ortográficos		
Escreve textos com começo, meio e fim		
Suas idéias são claras e relacionadas ao tema		
Saiu do assunto e se distanciou da idéia principal do texto		

### **O Navio das Sombras**

É noite escura e o cais está deserto. Ivo ergue a gola de seu casaco. Sente muito frio, e o silêncio enorme e hostil enche-o de um vago medo. Vai viajar. Mas é estranho... Os minutos passam. Ivo olha. Sim, agora vê com mais clareza a silhueta do grande barco. A grande Viagem!

O seu sonho vai se realizar. Ficarão para trás todas as suas angústias. É uma libertação. Devia estar alegre, sacudir os braços, correr, gritar. Mas uma opressão estranha o paralisa. Que é isto? Onde estão os outros passageiros? Onde se meteu a tripulação? É inquietante este silêncio noturno. E pavorosa esta sombra glacial que envolve tudo. Ivo quer lançar ao ar uma palavra. Pronuncia bem alto seu próprio nome. O som morre sem eco. O silêncio persiste. Então ele começa a sentir um mal-estar que nem a si mesmo consegue explicar...



Bons Estudos!